



PERCEPÇÃO ETNOBOTÂNICA DAS MORADORAS DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA NO SUL DO AMAZONAS, BRASIL

ETHNOBOTANICAL PERCEPTION OF RESIDENTS OF A RIVERSIDE
COMMUNITY IN SOUTHERN AMAZONAS, BRAZIL

PERCEPCIÓN ETNOBOTÁNICA DE LAS MUJERES EN UNA COMUNIDAD
RIBEREÑA DEL SUR DEL AMAZONAS, BRASIL

Rosineide Campos Chaves¹, Doraci Brito de Souza², Carolina Wagner³, Fabiana Caetano
Furtado⁴, Felipe Sant' Anna Cavalcante⁵, Renato Abreu Lima⁶

DOI: 10.54899/dcs.v23i88.4633

Recibido: 17/02/2026 | Aceptado: 19/02/2026 | Publicación en línea: 04/03/2026.

RESUMO

As plantas medicinais são utilizadas desde os primórdios da humanidade e atuam no processo de prevenção e cura de enfermidades. O estudo da Etnobotânica procura estudar as conexões e interatividades que o homem dispõe sobre o uso das plantas. É por meio dela que se estuda o perfil de uma determinada comunidade, bem como seus hábitos e individualidades. Este trabalho teve como objetivo verificar a percepção Etnobotânica das moradoras da comunidade Praia do Gado no município de Lábrea-AM. A pesquisa foi realizada entre março de 2023 a maio de 2025, e contou com a participação de 55 moradoras. Utilizou-se um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, para verificar a percepção das moradoras quanto a utilização das plantas medicinais. Verificou-se um total de 110 espécies vegetais mencionadas pelas moradoras, sendo distribuídas em 51 famílias botânicas, sendo as mais representativas: copaíba, (*Copaifera langsdorffii* Desf.), andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), corama (*Kalanchoe pinnata* Lam.), alfavaca (*Ocimum basilicum* L.), amor-crescido (*Portulaca pilosa* L.), jambu/agrião (*Acmella oleraceae* (L.) R.K. Jansen), hortelã (*Mentha* spp.), boldo (*Peumus boldus* Andrews.), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) e capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf). A forma de preparo mais utilizada foi a decocção, a parte da planta mais utilizada foram as folhas e as doenças mais indicadas foram do sistema imunológico, respiratório e digestório. Portanto, o uso de plantas medicinais nas comunidades ribeirinhas da Amazônia se torna o único recurso de acesso para que a população tenha saúde.

¹ Doutoranda em Biodiversidade e Biotecnologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: neydeufam@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2152-1900>

² Doutoranda em Biodiversidade e Biotecnologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: doraci.ufam@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5911-7102>

³ Doutoranda em Botânica, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil. E-mail: caawagner.carol@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8287-3555>

⁴ Mestra em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: fabiacetano11@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1405-6705>

⁵ Doutor em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: felipesantana.cavalcante@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3765-9218>

⁶ Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Humaitá, Amazonas, Brasil. E-mail: renatoal@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0006-7654>

Palavras-chave: Fitoterapia. Lamiaceae. Mulheres. Sabedoria Popular.

ABSTRACT

Medicinal plants have been used since the beginning of humanity and act in the process of preventing and curing illnesses. The study of Ethnobotany seeks to study the connections and interactions that man has regarding the use of plants. It is through it that the profile of a given community is studied, as well as its habits and individualities. This work aimed to verify the Ethnobotanical perception of residents of the Praia do Gado community in the municipality of Lábrea-AM, regarding the use of medicinal plants. The research was conducted between March 2023 and May 2025, and included the participation of 55 female residents. A semi-structured questionnaire with open and closed questions was used to verify residents' perception (10 questions) regarding the use of medicinal plants. There were a total of 110 plant species mentioned by residents, distributed in 51 botanical families, the most representative of which were: copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.), andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), corama (*Kalanchoe pinnata* Lam.), alfavaca (*Ocimum basilicum* L.), blackberry (*Portulaca pilosa* L.), jambu/cress (*Acmella oleraceae* (L.) R.K. Jansen), mint (*Mentha* spp.), boldo (*Peumus boldus* Andrews.), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) and lemongrass (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf). The most used form of preparation was decoction, the most used part of the plant was the leaves and the most common diseases were those of the immune, respiratory and digestive systems. Therefore, the use of medicinal plants in riverside communities in the Amazon becomes the only access resource for the population to be healthy.

Keywords: Phytotherapy. Lamiaceae. Women. Folk Wisdom.

RESUMEN

Las plantas medicinales se han utilizado desde los albores de la humanidad y desempeñan un papel en la prevención y cura de enfermedades. Los estudios etnobotánicos buscan comprender las conexiones e interacciones que los humanos tienen con respecto al uso de las plantas. A través de la etnobotánica, se puede estudiar el perfil de una comunidad determinada, así como sus hábitos y características individuales. Este trabajo tuvo como objetivo verificar la percepción etnobotánica de los residentes de la comunidad de Praia do Gado en el municipio de Lábrea-AM. La investigación se realizó entre marzo de 2023 y mayo de 2025, e involucró a 55 residentes. Se utilizó un cuestionario semiestructurado con preguntas abiertas y cerradas para verificar la percepción de los residentes sobre el uso de plantas medicinales. Un total de 110 especies de plantas fueron mencionadas por los residentes, distribuidas en 51 familias botánicas, siendo las más representativas: copaiba (*Copaifera langsdorffii* Desf.), andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), corama (*Kalanchoe pinnata* Lam.), alfavaca (*Ocimum basilicum* L.), amor-crescido (*Portulaca pilosa* L.), jambu/agrião (*Acmella oleraceae* (L.) R.K. Jansen), hortelã (*Mentha* spp.), boldo (*Peumus boldus* Andrews.), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) y capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf). El método de preparación más común fue la decocción, la parte de la planta más utilizada fueron las hojas y las dolencias más frecuentemente indicadas fueron las de los sistemas inmunológico, respiratorio y digestivo. Por lo tanto, el uso de plantas medicinales en las comunidades ribereñas de la Amazonía se convierte en el único recurso disponible para que la población acceda a la atención médica.

Palabras clave: Fitoterapia. Lamiaceae. Mujeres. Sabiduría Popular.



INTRODUÇÃO

A Amazônia comporta uma grande diversidade biológica e sociocultural, simbolizada pelos povos indígenas e populações tradicionais (seringueiros, ribeirinhos, quilombolas, pescadores artesanais, entre outros) que possuem um imenso acervo de conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade da região (Pedrollo et al., 2016; Brasil, 2020; Pereira et al., 2020).

As comunidades tradicionais que vivem nas várzeas do estuário amazônico, classificados regionalmente como ribeirinhos, detêm parte destes saberes, associados aos ambientes em que vivem e os recursos naturais que exploram para seu sustento, evidenciando-se as espécies de plantas aplicadas como medicinais, ação bastante mencionada nos trabalhos produzidos em comunidades tradicionais da Região Amazônica como uma alternativa ao tratamento de inúmeras enfermidades (Amoroso; Gély, 1988; Pedrollo et al., 2016).

Os ribeirinhos têm um modo de vida intensamente ligado ao rio, que além de fonte de água e alimentos, são vias de locomoção e contexto social, sendo parte de sua identidade cultural (Santos; Coelho-Ferreira, 2012). Tais comunidades conservam uma rede de saberes que vêm sendo repassado ao longo de gerações, os quais fazem parte de sua cultura local e que podem auxiliar nos recursos terapêuticos das pessoas (Cavalcante; Scudeller, 2022).

Nesse contexto, a flora medicinal vem adquirindo valor em estudos etnobotânicos, pois, tem sido evidenciada sua efetividade no tratamento de diversas doenças e nos cuidados básicos de saúde (Brasil, 2020). Além disso, integram uma alternativa eficaz e de baixo custo para muitas comunidades (Bruning et al., 2012).

A pesquisa Etnobotânica é uma respeitável ferramenta para registrar, edificar e compreender como as populações tradicionais se conectam com os recursos naturais, e permite conhecer o valor terapêutico de espécies vegetais usadas em determinados contextos de grupos populacionais como os ribeirinhos (Coelho-Ferreira, 2009).

As comunidades tradicionais, sejam ribeirinhos, indígenas, pescadores, quilombolas, entre outros, preservam uma íntima relação com o meio ambiente, passada de geração para geração, além de estar associada à sua dependência de aquisição de recursos para sua

sobrevivência, como alimento.

Ao realizar estudar as comunidades ribeirinhas no sul do Amazonas, investigamos a cultura popular do uso de plantas medicinais, documentando os costumes locais envolvendo o uso prático da flora local para remédios, sustentabilidade e alimentos. É notável a crescente preocupação com a conservação da natureza e a busca por conhecimentos tradicionais no uso das espécies vegetais na perspectiva preservacionista (Cavalcante et al., 2024; Lima et al., 2026).

A pesquisa Etnobotânica cresceu visivelmente na última década em muitas partes do mundo, em especial na América Latina e, particularmente, em países como o México, a Colômbia e o Brasil (Hamilton et al., 2003). O Brasil é um país que possui uma grande biodiversidade e desde a ocorrência do homem em grupos, a relação dele com os vegetais é vista através de seu uso com base em conhecimentos tradicionais.

Assim, em comunidades tradicionais, perpetua-se uma relativa simbiose entre ser humano e natureza, tanto em suas práxis quanto no campo simbólico, o saber imanente desses grupos acumula, favorece e mantém o conhecimento sobre este território onde é vital que se reconheça a importância da transmissão desse saber às novas gerações. A diversidade de vegetais e os conhecimentos tradicionais geraram interesse na área da ciência, especificamente na Etnobotânica, em que seu foco é o estudo do modo como os povos conhecem e utilizam as plantas a partir do conhecimento e uso tradicional e populares/indígenas (Rocha; Boscolo; Fernandes, 2015).

No entanto, essas comunidades são possuidoras de vasto saber sobre o ambiente amazônico e suas diversas formas de uso e manejo. Assim, reconhece-se que as comunidades ribeirinhas se adequam dos recursos florestais, amparado na correlação com a natureza. Dito isto, é importante ressaltar que as comunidades tradicionais ribeirinhas não estão isoladas no tempo e espaço, mesmo distanciadas uma das outras, elas estabelecem conexões e vínculos.

Assim, o presente estudo teve por objetivo levantar dados a partir do conhecimento adquirido e acumulado sobre as plantas medicinais por moradoras da comunidade Praia do Gado, localizada no município de Lábrea - AM.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os Povos Ribeirinhos da Amazônia e sua Relação com a Natureza

Estes grupos detêm um imenso entendimento sobre o manejo e uso dos recursos naturais, o que lhes tem certificado a conservação e reprodução de seus sistemas sociais e culturais, ao mesmo tempo assegurando a permanência da biodiversidade. Os povos tradicionais não indígenas portam conhecimentos diversos acerca do uso da terra, dos ciclos da natureza, da forma de organização das atividades de trabalho e lazer existentes, dentre outros aspectos. No campo dos saberes tradicionais, essas práticas reproduzem um conhecimento formado na vivência das relações com a natureza, cientificando o processo de abundância de conhecimentos tradicionais através das gerações. São maneiras diversas de perceber e agir sobre o território (Castro, 1997).

Pautado nesta percepção, a relação homem-natureza concebe-se a partir de uma visão sócio-histórica, levando em conta as mudanças dos contextos socioculturais e políticos vivenciados por estas populações. Nestas sociedades, o manejo e a gestão dos recursos naturais são executados de forma distinta das sociedades urbanas industriais, incorporados no modo de produção capitalista, nas sociedades tradicionais estes são produzidos de forma conjunta aos processos sociais, naturais e culturais de cada comunidade, proporcionando uma inerência das diversas características da vida cotidiana.

Ao pensar na Amazônia é comum associá-la as riquezas naturais, a floresta exuberante, rios e sua biodiversidade de modo geral. Além da diversidade natural presente na fauna e flora, a Região Amazônica também se caracteriza por uma pluralidade sociocultural, fruto da interação e mistura entre diferentes comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos e outros grupos que compõem sua população.

A trajetória sócio-histórica da Amazônia é definida por exploração, apropriação de riquezas e total desrespeito por parte do Estado para com as populações tradicionais (indígenas, ribeirinhas, quilombolas e entre outros). Como resultados temos a debilitação das condições de vida da população, em especial das comunidades tradicionais, os confrontos e confusões por terras e entre outros. Além disso, evidenciam-se as iniciativas governamentais em vão de remover a Amazônia do retardo econômico e igualá-la as regiões Centro-Sul do país, uma vez que o Estado peca ao ignorar a atividade socioeconômica da Região Amazônica na elaboração de suas políticas. A Região Amazônica está submersa em um contexto bastante paradoxal, uma vez que

ostenta uma ampla riqueza natural em sua fauna e flora, porém sua população é imensamente pobre. Essa população, descendente da miscigenação, com igualdade diversa e dentre elas destaca-se as famílias ribeirinhas.

No que diz respeito às famílias ribeirinhas, são populações que instituem a ruralidade Amazônica, habitam as margens dos rios, vive da caça, pesca e do extrativismo vegetal. Além disso, conservam hábitos culturais transmitidos de geração em geração e uma conexão agradável com a natureza dispondo no rio um fator simbólico de representatividade. Diante desta especificidade da Região Amazônica, surgem numerosos questionamentos e dentre eles: o Estado vem atendendo as manifestações da questão social dessas famílias?

O olhar romântico e idealista para a Amazônia como celeiro do mundo, mata de exuberantes riquezas, entre outros, fantasia todas estas relações e conflitos ali presentes. Além disso, com sua atual gestão neoliberal, o Estado não consegue responder à questão social na região, uma vez que as políticas sociais presentes não correspondem com a realidade dinâmica das famílias na Amazônia. Face a esta limitação do Estado, as famílias ribeirinhas usufruem de estratégias de sobrevivência.

Dentre elas, destaca-se a colaboração e assistência por meio da rede de parentesco e vizinhança, as famílias ajudam-se mutuamente. Elas dividem compromissos de diversas dimensões, porém tais relações não se constituem por meio de determinações, mas sim por sentimentos de reciprocidade. Desse modo, além de marginalizadas, as famílias ribeirinhas apresentam-se sobrecarregadas uma vez que, na abstração do aparato estatal, elas são responsabilizadas pelo sustento e cuidado de seus membros.

A ausência de dados oficiais das famílias ribeirinhas, bem como dos povos tradicionais de modo geral, não equivale em uma restrição e dificuldades somente em termos de pesquisa, mas também no que se menciona a execução de políticas sociais designadas a estas populações. Como pensar em políticas sociais para este público se não temos parâmetros básicos tais como: número da população idosa, crianças, homens, mulheres, jovens, índices de escolaridade, fecundidade, mortalidade, entre outros.

Conforme Pojo et al. (2014), por meio de sua vivência no campo da educação, nos mostra um caminho ao qual podemos percorrer. As autoras declaram que a tríade água, terra e floresta são importantes elementos para a formação dos sujeitos e a preservação da cultura amazônica. Acrescem confirmando que tais conhecimentos nativos, provenientes dessas experiências de vida, devem ser levados em consideração pelas escolas ribeirinhas.

Desse modo, valendo-se da análise das autoras, observamos que esses saberes tradicionais transmitidos de geração em geração são importantes não somente no âmbito escolar, mas na realização das demais políticas (assistência, saúde, saneamento) que tenham como usuários as famílias ribeirinhas. Portanto, as políticas sociais voltadas para essas comunidades devem ser norteadas em conjunto com seus atores, o público-alvo ao qual ela será designada, levando em consideração as suas especificidades. Essa seria uma estratégia para assegurar a igualdade social destes indivíduos marginalizados social e historicamente.

É necessário perceber que a natureza é um elemento a ser ponderado no que diz respeito à diversidade da Amazônia, especialmente quando se trata da percepção dos modos de vida e das identidades das populações ribeirinhas. Existe um elo entre estas populações e os ecossistemas. É nesta relação com a natureza que as populações tradicionais concebem todo seu modo de vida a partir de um conhecimento empírico, que é transferido de pai para filho.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado no município de Lábrea, que fica no sudoeste do Estado do Amazonas, à margem direita do Rio Purus, com uma população de 45.448 habitantes (IBGE, 2022) e sua área compreende 68.262,680 km², com vegetação do tipo Ombrófilas densas de terras baixas, em associação com outras fitounidades, em menor grau.

Os solos predominantes da região são argissolos e latossolos, apresenta clima tropical. Possui um baixo índice de Desenvolvimento Humano e elevada desigualdade social, 61,04% da população sobrevive com renda menor que um salário-mínimo. Possui um dos maiores Produtos Internos Brutos (PIB) do Amazonas. A agropecuária é quem mais contribui para a economia do município. Dentre as 131 comunidades existentes, respectivamente, a pesquisa foi realizada na comunidade Praia do Gado, onde atualmente residem 56 famílias.

Este trabalho teve início em abril de 2023 com visita à comunidade, em que o acesso até esta se fez por canoa com motor/rabeta, cedido por um morador da cidade de Lábrea e conhecedor das comunidades daquela região, com o objetivo de encontrar o dirigente/líder desta comunidade, estando a mesma dentro d'água, pois o período era de enchente/cheia, e, após devidas apresentações, solicitar assinatura para a Carta de Anuência, solicitada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) autorizando o desenvolvimento da pesquisa sob o parecer N° 5.792.774.

Nesse sentido, antes de cada entrevista era realizada uma conversa informal explicando a finalidade do estudo aos participantes para que estes indicassem se aceitavam participar da pesquisa. Neste momento também foi investigado se os participantes conheciam plantas com fins medicinais provenientes da comunidade Praia do Gado.

A pesquisa foi de natureza quanti/quali, do tipo descritiva, exploratória e de observação direta e participativa, abrangendo uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que o pesquisador estudou as coisas em seus cenários naturais, empenhando-se a compreender os fenômenos em termos das concepções que as pessoas a eles concedem (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Das 56 famílias que residem na comunidade, foi selecionada uma moradora de cada família da mais ampla faixa etária possível, detentoras do conhecimento tradicional do uso de plantas medicinais para entrevistas, porém uma moradora, não foi entrevistada por estar ausente no momento. O instrumento de coleta utilizado para tal foi feito com questionário semiestruturado, o qual foi constituído com perguntas abertas e fechadas sobre o perfil etnobotânico (conhecimento tradicional do uso de plantas medicinais), e se deu a partir da apresentação do pesquisador (a), seguido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em agosto de 2023, realizou-se a primeira coleta de material testemunho, e a segunda coleta, realizada em dezembro de 2023. Para registro e coleta, utilizou-se dos seguintes materiais de coleta: prensa de madeira, papelão, jornal, tesoura de poda, caderneta de campo e cordas, além disso, foram feitos registros fotográficos, sendo documentado os dados preliminares como nome popular das espécies coletadas na Comunidade Praia do Gado.

Em seguida as amostras coletadas foram encaminhadas ao Laboratório de Química da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para que assim pudesse ser feito o início do processo de herborização. Posteriormente, os materiais botânicos foram depositados no Herbário Rondoniense João Geraldo Kuhlmann (RON) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Para este foi solicitado ao Sistema de autorização em Biodiversidade (SISBIO), autorização para atividades com finalidades científica, o qual teve parecer aprovado sob o Nº 90213-1. Vale ressaltar que este trabalho foi conduzido nos trâmites necessários de autorização para pesquisa e acesso do Patrimônio Genético e/ou Conhecimento Tradicional Associado (SisGen).

A técnica de observação direta foi adotada devido à habilidade dos participantes em

reconhecer as plantas presentes em seus quintais, o que possibilitou uma identificação mais precisa das espécies. Todas as observações, bem como todas as plantas mencionadas, foram minuciosamente registradas. Isso permitiu obter informações mais detalhadas e confiáveis (Albuquerque; Lucena, 2004). Utilizou-se também o método de Listagem livre que de acordo com Bisol (2012), o participante fornece uma lista de respostas que representam elementos nesse domínio, no caso, solicitamos 10 plantas que eles achavam mais importante e as demais como de plantas medicinais conhecidas e, a partir dessa listagem, obteve-se informações específicas sobre as plantas mencionadas.

Os dados foram tabulados no programa Excel versão 2019 seguindo as análises das questões dos formulários e das entrevistas. Assim, as informações foram analisadas através de uma análise de conteúdo para codificação dos registros dos dados (Bardin, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos dados etnobotânicos, quando questionados se conhecem plantas medicinais, todas as moradoras (100%) responderam que sim. Se há plantas mais importante que outra (18,18%) responderam que sim (aquelas que se encontram distantes, em matas fechadas, devido à dificuldade de acesso para obtê-las, mencionadas posteriormente), e 81,81% responderam que não. Se há plantas mais difícil de se encontrar, 73,36% responderam que sim e 23,63% responderam que não, pois ambas são cultivadas em seus quintais ou já sabem onde encontrar na floresta. Se acham importante a preservação das plantas (100%) respondeu que sim, pois se não preservar podem entrar em extinção.

Quanto as possíveis toxicidades por parte das plantas, a maioria (92,72%) afirma desconhecer e 7,27% afirmam conhecer algumas plantas que se usada de forma errada ou até mesmo em excesso pode levar a óbito. Quanto aos problemas ambientais que mais afetam o desenvolvimento das plantas 70,90% responderam que é a enchente, 18,18% a seca, 3,63% o desmatamento e 7,27% as queimadas. Questionada sobre quais alternativas são utilizadas para proteger e preservar as plantas, a maioria (61,81%) respondeu que fazem uso de horta suspensa durante a enchente, 18,18% fazem irrigação das plantas durante a seca e 20% não sabem o que fazer.

Por ser uma área considerada de várzea, as moradoras se tornam mais vulneráveis a esta questão, tendo que se adaptar para proteger as espécies de plantas que possuem em suas

residências, sendo uma questão irreversível a ser feita. Diante ao exposto, Cavalcante (2014) afirma que um dos problemas que influencia o estabelecimento das espécies vegetais nas áreas de várzea relaciona-se com os períodos de seca e enchente que são característicos na Região Amazônica.

Verificou-se um total de 110 espécies medicinais, distribuídas em 51 famílias, das quais as mais representativas foram: Lamiaceae (15,68%), Euphorbiaceae (13,72%), Fabaceae e Asteraceae (11,76% cada) e Malvaceae, Rutaceae e Amaranthaceae (7,84% cada). As espécies mais representativas foram: copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.) (34,54%), andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) (32,72%), corama (*Kalanchoe pinnata* Lam.) (30,90%), alfavaca (*Ocimum basilicum* L.) (29,09%), amor-crescido (*Portulaca pilosa* L.) e jambu/agrião (*Acmella oleraceae* (L.) R.K. Jansen) 25,45%), hortelã (*Mentha* spp.) (23,63%), boldo (*Peumus boldus* Andrews.) e mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) (20%) e capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf) (16,36%), utilizadas no tratamento e controle de diversas doenças, (febre, dengue, malária, covid, câncer, dor de barriga e no estômago, pneumonia, gripe, resfriado, infecção urinária, dor de cólica, derrame, dentre outras), relacionadas aos sistemas imunológicos, digestórios, respiratórios, urinários e cardiovasculares.

Quanto as partes mais utilizadas destacam-se as folhas, seguida de cascas, raiz, sementes, flores, seiva, frutos, óleo, mucilagem e água. O modo de preparo mais citado foi a decocção (consiste na ebulição da planta em água potável por tempo determinado), seguida de maceração (consiste em colocar a planta, amassada ou picada, de molho em água fria) e infusão (consiste em dispor a água fervente sobre a planta e, em seguida, abafar o recipiente (vidro) por um período determinado). A maioria das espécies citadas fazem parte do cotidiano das famílias destas comunidades, com isso, a maioria (72,72%) podem ser encontradas em seus respectivos quintais e 27,27% são encontradas na floresta. Destas, 52,72% são exóticas e 47,27% são nativas.

Quanto as possíveis toxicidades por parte das plantas, a maioria (92,72%) afirma desconhecer e 7,27% afirmam conhecer algumas plantas que se usada de forma errada ou até mesmo em excesso pode levar a óbito. Isso pode indicar uma falta de informações ou conscientização sobre os perigos potenciais de algumas espécies vegetais, pois depende da quantidade, formas e frequência do uso.

Questionadas sobre quais alternativas são utilizadas para proteger e preservar as plantas, a maioria (61,81%) responderam que fazem uso de horta suspensa durante a enchente (18,18%) fazem irrigação das plantas durante a seca e (20%) não souberam responder. No entanto, a

população ribeirinha que vive nas florestas de várzea possui um vasto conhecimento acumulado ao longo de muitas gerações quanto ao uso de espécies vegetais encontradas nesses ambientes, bem como meios de preservar e proteger as espécies nestes períodos de enchentes e seca (Santos; Coelho-Ferreira, 2012).

A maioria dos participantes (89,09%) obtiveram conhecimento sobre as plantas medicinais por meio da família, o que indica uma transmissão cultural e tradicional de geração em geração. Dos participantes que utilizam plantas medicinais, quase a totalidade deles as cultivam em casa, em seus respectivos quintais e afirmam que o aprendizado foi por meio de pessoas da família, amigos e colegas (Xavier; Lima, 2025; Pires et al., 2016). E ainda (10,90%) obtiveram conhecimento por meio da televisão, embora tenha uma parcela menor, ainda desempenha um papel na disseminação de informações sobre plantas medicinais.

Quanto a transmissão do conhecimento (98,18%) respondeu que sim, ensinando como preparar e para que serve, e 1,81% responderam que não repassam o conhecimento que detêm. A construção do conhecimento relacionado ao uso de plantas medicinais pelas famílias de agricultores é predominantemente oral, realizada através do convívio diário entre seus membros, propiciando a transmissão de informações, crenças e valores (Ceolin et al., 2011).

Ao serem questionadas se fazem comercialização de plantas medicinais (16,36%) responderam que sim (chicória, limão, laranja, jambu, mastruz, uma vez que estas além de medicinal são alimentícias), como uma alternativa de fonte de renda a mais. Neste sentido, as feiras livres e os mercados regionais constituem um espaço privilegiado de expressão da cultura de um povo, trazendo à tona os aspectos e a relevância de seu vasto patrimônio etnobotânico (Gomes; Lima, 2017). E ainda (83,63%) responderam que não fazem comercialização.

A baixa porcentagem daqueles que se dedicam à comercialização de plantas medicinais sugere que, para a maioria das pessoas, o uso dessas plantas é mais voltado para uso pessoal ou familiar, em vez de ser uma atividade comercial. Isso pode indicar uma abordagem mais tradicional e de estabilidade em relação ao uso de plantas medicinais.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2025), a medicina tradicional, que engloba o uso de plantas medicinais, continua sendo amplamente praticada em diferentes partes do mundo, alcançando entre 40% e 90% da população, conforme a região. Esse panorama representa uma atualização em relação ao dado de 2010, quando se estimava que cerca de 80% das pessoas recorriam a tais práticas, evidenciando que sua relevância permanece elevada no cenário atual. Um dos grandes progressos relacionados ao uso de plantas medicinais na idade contemporânea

foi a politização e a democratização do acesso à saúde, disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Citado no artigo 198 da Constituição Federal (CF), “a saúde é direito de todos e dever do Estado, assegurando por intermédio de políticas sociais e econômicas que objetivem à diminuição do risco de doença e de outros malefícios e ao ingresso total e justo às ações e serviços para sua progressão, proteção e recuperação”. Com o reconhecimento da saúde como um direito social, foi instituída a criação do SUS, desenvolvida por uma rede regionalizada e hierarquizada, seguindo três diretrizes básicas: descentralização, com direção única em cada esfera do governo, a assistência absoluta, sobrepondo as atividades preventivas, impossibilitando prejuízos aos serviços assistenciais e a atuação da sociedade (Brasil, 1988).

Em conformidade à constituição, em 19 de setembro de 1990 foi criada a Lei Orgânica da Saúde, que administra às ações e serviços de saúde e designa princípios do SUS, entre eles a universalidade, integralidade e igualdade de assistência à saúde sem prejuízos ou prioridades de qualquer natureza (Brasil, 1988). Devido ao princípio de descentralização de serviços, que retira das mãos da união a responsabilidade de ser o único responsável pela criação e implantação de políticas públicas relacionadas à saúde, os estados e municípios conquistaram mais independência, ocasionando a implantação de ações tais como as Práticas Integrativas e Complementares (PICS), que favorece a homeopatia, medicina tradicional chinesa/acupuntura e medicina antroposófica e a fitoterapia (Ferreira et al., 2020).

Por meio do decreto presidencial de nº 5.813 de 22 de junho de 2006 foi criada a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (PNPMF), visando a garantia da efetividade e segurança frente ao uso das plantas medicinais. Objetivando ainda a amplificação dos serviços disponibilizados, a criação de um marco regulatório para produção e distribuição de plantas e fitoterápicos, o fortalecimento da agricultura familiar, o uso sustentável dos recursos naturais e por fim, o incentivo ao desenvolvimento científico e a indústria farmacêutica brasileira (Ministério da Saúde, 2006).

A PNPMF junto as PICS, impulsionaram discussões a respeito das oportunidades, importância, dificuldades, facilidades e vantagens da implementação da fitoterapia no SUS, assim como às concepções de como sucederia o processo. Evidencia-se assim que as elaborações a respeito de uma política sólida de âmbito nacional sobre o uso das plantas medicinais devem-se tanto aos atores sociais envolvidos no processo, como os agentes da saúde, pesquisadores e gestores, quanto a junção do conhecimento empírico-científico, que tem sido fundamental no

desenvolvimento de novas práticas terapêuticas (Figueiredo et al., 2014).

Após o levantamento feito na comunidade, verificou-se um total de 110 espécies medicinais, distribuídas em 51 famílias, dentro das quais a mais representativa está a família Lamiaceae (15,68%), atualmente constituída de aproximadamente de 258 gêneros e cerca de 7200 espécies, distribuídas nos diferentes continentes (Aларcon-Aguiar et al., 2002; Lima et al., 2011).

Dentro das 110 espécies citadas, a mais representativa foi a copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.) (34,54%). Espécie esta que possui estudos voltados para Ciência e Etnobotânica, aos saberes tradicionais entrelaçados pelo conhecimento cultural e social, instrumentos fundamentais para uma leitura mais complexa da relação sociedade/natureza (Rosa; Gomes, 2009). Além disso, as espécies do gênero *Copaifera* são muito conhecidas pelo potencial medicinal de seu óleo, que é utilizado desde o período colonial do Brasil. É uma das plantas medicinais mais estudadas do mundo, encontrada principalmente na Região Amazônica. O Brasil é o país com maior produção e exportação do óleo da copaíba e a Região Amazônica é a principal fonte de matéria-prima (Santana et al., 2014).

Das indicações terapêuticas as mais indicadas são utilizadas no tratamento e controle de diversas doenças, com destaque para doenças relacionadas ao sistema imunológico. Segundo Marques et al. (2015), utilização de plantas para fortalecer o sistema imunológico é respaldada por uma variedade de estudos científicos com diversos modelos experimentais. A propriedade de estimulação imunológica é atribuída à presença de uma variedade de compostos nas espécies vegetais. Em outro ponto os autores destacam que nos estudos mais recentes algumas apareceram com maior frequência, como por exemplo, as famílias Euphorbiaceae, Fabaceae, Moraceae e Rubiaceae.

Ao abordar a interação do ser humano com as plantas, a Etnobotânica permite identificar o pensamento da sociedade sobre o uso de plantas medicinais, o grau de conhecimentos da população e quais são os tratamentos que podem ser feitos por meio de remédios caseiros (Coan; Matias, 2014).

As folhas se destacam como as partes mais utilizadas, representando uma predominância significativa. Isso reflete a importância atribuída a essa parte da planta na busca por seus benefícios para a saúde. Braga; Silva (2021) também citam que em suas pesquisas que as plantas medicinais são utilizadas de diversas formas, mas o chá por meio da decocção se manteve em destaque.

Os resultados obtidos revelam o potencial terapêutico da flora medicinal, as quais dentro

das comunidades se destacam por suas necessidades de uso para tratamento de algumas doenças. Com base nos resultados obtidos, conclui-se que as plantas medicinais são consideradas importantes no tratamento de diversas patologias. Dessa maneira, é fato que as populações ribeirinhas investigadas expressaram um conhecimento acerca das plantas que não é adquirido em escolas, mas sim em vivências familiares ao longo das gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emprego de plantas medicinais é normal a inúmeras culturas, sendo o conjunto destas a responsável pela progressão da aplicação do uso de plantas medicinais como forma farmacêutica, tendo este colaborado consideravelmente para o surgimento das ciências médicas.

De acordo com os dados mais recentes da Organização Mundial da Saúde (2025), entre 40% e 90% das pessoas no mundo ainda usam a medicina tradicional, incluindo plantas medicinais. Isso mostra que o uso dessas plantas continua sendo muito importante, não só como parte da cultura, mas também como uma forma de ajudar onde a saúde moderna não chega totalmente. Esse cenário deixa claro que a fitoterapia não é algo secundário: ela une conhecimentos antigos e ciência atual, e por isso é essencial que existam políticas públicas que garantam o uso seguro, eficaz e acessível para todos.

Portanto, esta pesquisa pode servir de referência para futuros estudos farmacológicos com espécies vegetais da Amazônia, por indicar algumas espécies com um potencial promissor para alívio ou cura dos sintomas ou doenças ou afecções citadas, levando em conta que grande parte da população brasileira ainda necessita de condições básicas de acesso à saúde. Assim, a aplicação das plantas medicinais e a sua inserção no Sistema Único de Saúde simboliza um grande avanço social, uma vez que colabora expressivamente com a democratização do acesso à saúde, oferecendo às comunidades carentes uma possibilidade para a cura e o tratamento de inúmeras doenças.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM), ao Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA), e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão de bolsa

de mestrado.

REFERÊNCIAS

ALARCON-AGUILAR F.J.; ROMAN-RAMOS R.; FLORES-SAENZ J.L.; AGUIRRE-GARCIA, F. (2002). Investigation on the hypoglycemic effects of extracts of four Mexican medicinal plants in normal and alloxan-diabetic mice. **Phytotherapy Research**, v.16, n.4, p.383-386.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. (2004). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. Recife: Livro Rápido / NUPEEA.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. (1988). Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.4, p.47-131.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. (2010). Lisboa: Edições 70.

BISOL, C.A. (2012). Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia**, n. 29(Supl.), p.719-726.

BRAGA, J.C.B; SILVA, L. (2021). Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v.4, n.1, p.3831-3839.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plantas medicinais e fitoterápicos no SUS**. (2020). Disponível em: <https://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterpicos-ppnpmf/plantas-medicinais-e-fitoterpicos-no-sus>. Acesso em: 29 maio, 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde (2006). **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf> Acesso em 05 de maio de 2024.

BRUNING, M.C.R.; MOSEGUI, G.B.G.; VIANNA, C.C. (2012). A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu – Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.10, p.2675-2685.

CASTRO, E. (1997). **Territórios, Biodiversidade e Saberes tradicionais**. In: CASTRO, Edna; PINTON, Florence (Org.). Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: UFPA/NAGA/CNRS.

CAVALCANTE, S. C. (2014). Ecosistema de várzea: etnobotânica e ecofisiologia. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.

CAVALCANTE, F.S.; SCUDELLER, V.V. (2022). A etnobotânica e sua relação com a sustentabilidade ambiental. **Revista Valore**, v.7, n.1, e-7050.

CAVALCANTE, F.S.; CHAVES, R.C.; SOUZA, D.B.; FURTADO, F.C.; SCUDELLER, V.V. (2024). Percepção Ambiental e Etnobotânica na Comunidade Paraíso Grande, Humaitá-AM, Brasil. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v.13, n.4, p.339-353.

CEOLIN, T.; HECK, M.R.; BARBIERI, R.L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R.M.; PILLON, N. (2011). Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.45, n.1, p.47-54.

COAN, C.M; MATIAS, T. (2014). A utilização das plantas medicinais pela comunidade indígena de Ventarra Alta-RS. *Revista de Saúde e Biologia*, v.9, n.1, p.11-19.

COELHO-FERREIRA, M.R. (2009). Medicinal knowledge and plant utilization in an Amazonian coastal community of Maruda, Para State (Brazil). *Journal of Ethnopharmacology*, v.126, p.159-175.

DEZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Orgs). (2006). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 432 p.

FERREIRA, G. K. da S.; SOUSA, I. M. C.; CABRAL, M. E. G. da S.; BEZERRA, A. F. B.; GUIMARÃES, M. B. L. (2020). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares: trajetória e desafios em 30 anos do SUS. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.30, n.1, e300110.

FIGUEIREDO, C.A. GURGEL, I.G.D.; GURGEL-JUNIOR, G.D. (2014). A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. *Physis: Revista da Saúde Coletiva*, v.24, p.381-400.

GOMES, N.S.; LIMA, J.P.S. (2017). Uso e comercialização de plantas medicinais em Humaitá, Amazonas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.12, n.1, p.19-31.

HAMILTON, A.C.; SHENGJI, P.; KESSY, J.; KHAN, A.A.; LAGOS-WITTE, S.; SHINWARI, Z.K. (2003). **The purposes and teaching of Applied Ethnobotany**. Godalming, People and Plants working paper. 11.ed. WWF.

LIMA, R.A.; MAGALHÃES, S.A.; SANTOS, M.R.A. (2011). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. **Revista Pesquisa & Criação**, v.10, n.2, p.165-179.

LIMA, E.S.; CRUZ, S.B.; ROCHA, V.A.; LIMA, R.A. (2026). Etnobotânica e a valorização dos saberes tradicionais de plantas medicinais na região Amazônica: uma revisão bibliométrica. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, v.24, n.1, p. 01-21.

MARQUES, G.S.; SILVA, C.C.A.R.; VILELA, T.W.; FIGUEREDO, C.B.M.; SILVA, A.C.A.; SILVA, R.M.F.S.; NETO, J. (2015). Plantas medicinais como alternativa terapêutica para aumento da resistência imunológica. **Revista de Ciência Farmacêutica Básica e Aplicada**, v.36, n.1, p.27-33.

- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE.** (2025). *Estratégia global para a medicina tradicional 2025–2034*. Genebra: Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240113176> (who.int in Bing). Acesso em: 20 jan. 2026.
- PEDROLLO, C.T.; KINIPP, V.F.; JÚNIOR, G.S.; HENRICH, M. (2016). Medicinal plants at Rio Jauaperi, Brazilian Amazon: ethnobotanical survey and environmental conservation. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 186, p. 111-124.
- PEREIRA, L.A.; SANTOS, D.C.; RODRIGUES, P.F.A.; ANDRADE, E.H.A.; GUIMARÃES, E.F. (2020). Valor de uso, indicações terapêuticas e perfil farmacológico e etnofarmacológico de duas espécies do gênero *Piper* L. em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental Brasileira. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.7, p.52027-52039.
- PIRES, I.F.B.; SOUZA, A.A.; LIMA, C.A., COSTA, J.D.; FEITOSA, M.H.A.; COSTA, S.M. (2016). Plantas medicinais: cultivo e transmissão de conhecimento em comunidade cadastrada na Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v.18, n.4, p.37-45.
- POJO, E.C.; ELIAS, L.G.D.; VILHENA, M.N. (2014). As águas e os ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes. **Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação do Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins/UFGA**, v.8, n.11, p.176-198.
- ROCHA, J.A.; BOSCOLO, O.H.; FERNANDES, R.R.M.V. (2015). Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, v.16, n.1, p.67-74.
- ROSA, J.C.; GOMES, A.M.S. (2009). Os aspectos etnobotânicos da copaíba. **Revista Geografar**, v.4, n.1, p.59-77.
- SANTOS, R.S.; COELHO-FERREIRA, M. (2012). Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L.f. (Araceae) em comunidades ribeirinhas do município de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Acta Amazonica**, v.42, n.1, p.1-10.
- SANTANA, S.R.; BIANCHINE-PONTUSCHKA, R.; HURTADO, F.B.; OLIVEIRA, C.A.; MELO, L.P.R.; SANTOS, G.J. (2014). Uso medicinal do óleo de copaíba (*Copaifera* sp.) por pessoas da melhor idade no município de Presidente Médici, Rondônia, Brasil. **Acta Agronômica**, v.63, n.4, p.361-366.
- XAVIER, R.A.T.; LIMA, R.A. (2025). Prática e saberes: o uso de plantas medicinais na comunidade Cristolândia, Humaitá-AM. **Revista Sustinere**, v.13, n.1, p.47-65.